



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Núcleo de Desenvolvimento Infantil
Curso de Especialização em Educação Infantil
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476
e-mail : especializacao.ufsc.ndi@gmail.com - Fone 3721-8921

Rafael Baretta

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões em torno dessa relação

Florianópolis
2012

Rafael Baretta

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões em torno dessa
relação**

Artigo submetido ao Curso de Especialização em
Educação Infantil para a obtenção do Grau de
Especialista em Educação Infantil
Orientador(a): Prof. Solange Maria Alves.

Florianópolis
2012

Rafael Baretta

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões em torno dessa
relação**

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, de de 2012.

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp
Coordenadora Geral do CEEI

Banca Examinadora:

Prof.

Orientador

Prof.

Primeiro membro

Prof. ...

Segundo membro

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões em torno dessa relação

Rafael Baretta¹

RESUMO

O presente texto persegue uma reflexão em torno da relação entre educação física e educação infantil. Tem origem em um projeto de observação pedagógica, trabalho realizado como parte dos requisitos para obtenção do grau de especialista em educação infantil. Durante a realização do referido projeto, além da observação de práticas de educação física na educação infantil, se efetivaram estudos teóricos que pautaram as análises e constituíram os elementos fundantes para a elaboração que ora se apresenta. A educação física na educação infantil é um fenômeno relativamente novo e, em grande medida, traduz importantes desafios para os docentes dessa área uma vez que, em sua maioria, não receberam formação que possibilitasse compreender a criança e seu processo de desenvolvimento. Associado a isso, embora não seja uma regra, muitas escolas de educação infantil encontram-se defasadas em termos de planejamento e direção pedagógica. Coloca-se, assim, o desafio de reflexão sobre este tema, objetivando a qualificação da ação educativa escolar no âmbito da relação educação física e educação infantil.

Palavras-chave: educação física, educação infantil, desenvolvimento psicomotor na infância.

¹ Professor de Educação Física; Pós Graduando no Curso de Especialização em Educação Infantil Lato Sensu, Universidade Federal de Santa Catarina. Pólo Chapecó - SC, Brasil. Email: proferaffa@gmail.com

INTRODUÇÃO

No âmbito da educação infantil, a educação física como disciplina pedagógica é, de certo modo, uma novidade. Embora presente na legislação, em termos de política pública e curricular, efetivamente, só muito recentemente aparece como área de conhecimento da educação infantil.

Esse processo tem colocado tanto aos professores regulares quanto e sobre tudo aos professores de educação física, um novo desafio: pensar e organizar a educação física como instrumento de desenvolvimento da criança pequena, nesta fase a emoção está apropriada em sua vida e é a primeira forma de comunicação que ela estabelece com o mundo.

Como professor de educação física e atuando na educação infantil, vivencio esses desafios e percebo a necessidade de explorar um pouco mais as fases de desenvolvimento da criança, aproveitando esse momento de apropriação dos primeiros conceitos para ensiná-los corretamente, acrescentando na sua formação e conhecimento do corpo e mente, estabelecendo uma identidade com a disciplina.

Concordando com Simão (2008), a educação física vem se consolidando cada vez mais na sua relação como forma de uma pedagogia da educação infantil, onde a prática pedagógica da educação física na educação infantil contribua para a leitura do mundo por parte das crianças, destaca-se ainda a expressão corporal como forma de linguagem. Observa-se a criança como sujeita de direitos e produtoras de cultura, respeitando sempre o fator social da qual fazem parte.

A reflexão aqui colocada tem como objetivo compreender um pouco mais a relação entre educação física e educação infantil, associando a interação entre o professor de educação física com a criança e sua infância. Esse estudo teve base em uma observação² com profissionais da educação física que atuam na educação infantil, refletindo sobre as didáticas de ensino, atividades propostas, planejamento das atividades, relação professor/aluno (concepção de psicomotricidade – concepção de infância – papel da educação física na educação infantil).

As aulas observadas foram realizadas em uma Instituição de Ensino, no Oeste de Santa Catarina e buscou-se como propósito conhecer e compreender melhor as práticas educativas desenvolvidas por profissionais de educação física que atuam na educação infantil, perseguindo a construção de uma caracterização da relação entre esses dois campos do conhecimento no âmbito

² Os professores de educação física, cada um em seu período de trabalho, me apresentaram para as crianças e disseram que eu participaria das aulas da disciplina por alguns dias, observando-os brincarem. As observações feitas estão relatadas em um Projeto de Observação Pedagógica, trabalho realizado como parte dos requisitos para obtenção do grau de Especialista em Educação Infantil. Durante a realização do referido projeto, além da observação de práticas de educação física na educação infantil, se efetivaram estudos teóricos que pautaram as análises e constituíram os elementos fundantes para a elaboração que ora se apresenta.

do seu fazer específico: a sala de aula ou, nesse caso, os espaços de aula de educação física na educação infantil.

As observações foram realizadas nas aulas de educação física com crianças de 3 à 5 anos de idade, turmas de maternal, pré II e pré III. Atuam dois profissionais de educação física nesta Instituição, sendo um no período matutino caracterizado neste trabalho como (Professor “B”) e outro no período vespertino (Professor “A”).

No dia 19 de setembro de 2011, iniciou-se o processo de observação das aulas de educação física. Num primeiro momento foi observada a sala usada pelos profissionais, com o intuito de verificar a disponibilidade de materiais que poderiam ser utilizados. Havia uma variedade de brinquedos de montar; jogos de memória; quebra-cabeças; brinquedos didáticos: de animais – profissões – números – cores – formas geométricas e frutas; carrinhos diversos, bonecas, jogos de cozinhas, bambolês, bolas de borracha, cones, colchonetes, cordas, raquetes e bolinhas de tênis de campo; bolsas e circuitos de madeira para montar que pode ser utilizado de várias formas.

Foram observadas 40 horas aulas entre os dias 19 de setembro até 17 de outubro de 2011. As aulas tinham duração de 45 minutos e eram realizadas em uma quadra de esportes ao ar livre ou no parquinho onde há balanços, escorregador, roda, caixa de areia, argolas para pendurar-se ou virar cambalhotas no ar e, nos dias chuvosos as aulas são ministradas na própria classe.

Com base nessa observação e em reflexões teóricas, este texto busca fazer uma análise a participação da educação física na educação infantil, além de conhecer e compreender a relação e a postura dos professores na sua relação com as crianças, seus planejamentos e práticas de ensino, objetivando aprofundar aspectos importantes para a relação educação física – educação infantil.

Refletindo a relação educação física – educação infantil a partir do observado:

Como colocado acima, foram realizadas observações de práticas pedagógicas de professores de educação física que atuam na educação infantil. Os dados observados, de modo geral, revelam fragilidades importantes na relação dessas áreas, materializadas em ações educativas pautadas por ausência de planejamento, de intencionalidade pedagógica, de qualquer preocupação com a construção de vínculos afetivos significativos para o desenvolvimento da criança.

Isso fica ainda mais claro quando focamos a prática de um dos professores (B), e notamos dificuldades em desenvolver as aulas de educação física. A ação desse professor caracteriza o desinteresse, o desânimo e a desmotivação com a aula de educação física com crianças da educação infantil. As atividades são monótonas, não havendo atividades inovadoras para motivar as crianças em desenvolvê-las, também não há interação nem participação nas brincadeiras junto com as crianças, apenas distribui os brinquedos e salienta algumas sugestões sobre o que fazer com o material, sem empolgação. Durante a observação, fez algumas atividades diferentes: brincaram de “Ovo Choco”, bambolês, balão, músicas, mas com duração de aproximadamente 15 a 20 minutos depois perdia o encanto, aonde o professor recorria para os carrinhos e bonecas em sala de aula. Também não havia um planejamento e muito menos objetivos para as dinâmicas, as aulas eram ministradas de acordo com o interesse do professor, prejudicando parcialmente o desenvolvimento psicomotor das crianças.

Segundo Simão (2008), a história nos mostra que a educação física, ao surgir na educação infantil, teve como função instrumentalizar o aspecto psicomotor das crianças através de atividades que envolvessem a área motora. O que, supostamente, possibilitaria um maior sucesso na alfabetização, dando suporte às aprendizagens e a cognição. Esta perspectiva de educação física vinculava-se aos princípios da educação infantil de cunho compensatório. Bracht (1999) complementa que:

Essa proposta vem sendo criticada exatamente porque não confere à Educação Física uma especificidade, ficando seu papel subordinado a outras disciplinas escolares. Nessa perspectiva o movimento é mero instrumento, não sendo as formas culturais do movimentar-se humano, consideradas um saber a ser transmitido pela escola. (BRACHT, 1999, p.79).

A educação infantil foi evoluindo ao longo dos anos, nota-se grandes avanços quando a psicomotricidade passou a fazer parte na educação das crianças nos anos iniciais. O elo que a educação física tem com a educação infantil se dá em relação à psicomotricidade, que é a ação expressada através de seu pensamento, onde a emoção está ligada a expressão. A evolução do aspecto psicomotor está intimamente ligada ao desenvolvimento mental, pois a evolução se constrói quando as duas situações andam conjuntamente, sendo no final a junção dos dois fios condutores a um só.

A educação física procura desenvolver o aspecto psicomotor e mental da criança na educação infantil, pois, procura respeitar seus interesses ofertando auxílio as suas necessidades em relacionar-se com o mundo. Possibilitar através das brincadeiras o desenvolvimento dos movimentos corporais e suas expressões, pois a criança se caracteriza através da brincadeira, vive o papel do adulto, entre outras situações, ampliando as culturas infantis de movimento.

Sayão (2002) nos coloca que as brincadeiras, jogos ou movimentos corporais das crianças, não devem segundo a concepção, serem vistas apenas no seu aspecto funcional de contribuição para a melhoria das aprendizagens cognitivas. Destaca ainda, que a convivência do dia a dia com as crianças, nos fazem perceber que elas brincam para se satisfazerem, vivendo aquele momento da brincadeira.

Nas observações realizadas com o professor “A”, a mesma situação se repete ao do professor “B”, não há envolvimento do professor nas atividades com as crianças, a maior parte das aulas foi na classe, onde as crianças brincavam sempre de carrinhos, jogos de montar e bonecas. A intervenção do professor foi apenas dividir os brinquedos e ficar observando. Nas atividades ao ar livre, os meninos pegavam uma bola para jogarem e as meninas bambolês e cordas, o professor não realizava atividades inovadoras para despertar o interesse e o envolvimento das crianças. A aula tornava-se cansativa, pois o tempo não passava, uns brincavam e outros não, a sensação era de esperar passar o tempo. Algumas crianças davam dicas de brincadeira, como por exemplo quando uma criança disse: “ –professor, podemos brincar de mamãe-cola hoje né!” O professor pensou e comentou que sim, em seguida explicou a brincadeira a todos. A brincadeira fluiu maravilhosamente, a expressão de felicidade das crianças estava estampada em suas faces. A atividade era algo novo, algumas crianças não conheciam e quando souberam, brincaram muito e até já estavam propondo dicas sobre as regras da brincadeira. Algumas crianças comentaram com o professor ao término da aula, próximo dia brincaremos novamente.

Nesta aula citada à cima, a imaginação sobressaiu, pois imaginavam uma varinha mágica que quando tocada a uma pessoa ela congelava (onde o símbolo do congelamento era uma estátua) e, para descongelar deveriam tocar em uma parte do corpo. No decorrer da brincadeira foram surgindo dicas, as crianças modificavam algumas regras para deixar a brincadeira ainda mais interessante. Este exemplo partiu somente por parte das crianças, o professor mediador do conhecimento, pouco interviu e não apresentava interesse em proporcionar algo que venha ao interesse da criança. Percebe-se então, que não à preocupação do educador em desenvolver o aspecto psicomotor e intelectual nas crianças na educação infantil desta instituição.

Sayão (2002) comenta que quando as crianças brincam de pular corda ou de se equilibrar sobre madeiras e cordas no chão elas não estão preocupadas se vai desenvolver a lateralidade, a coordenação motora entre outros elementos. Elas estão interessadas em divertir-se, equilibrando-se, saltitando e até cantarolando, criando diferentes formas de realizar os movimentos, muitas vezes entrando em um mundo de faz-de-conta e imaginação.

A brincadeira de faz de conta é uma atividade séria, em que a criança aprende e se

desenvolve ao criar uma situação imaginária evoluindo seu pensamento abstrato, aprende regras sociais e educa sua vontade. Por que ela educa sua vontade? Porque ela não pode fazer aquilo que ela quer, ela tem que seguir algumas regras, ex: a maçã vermelha da branca de neve é a maçã que a bruxa envenenou, então ela não pode comer a maçã porque está envenenada, ela só pode comer se sair da brincadeira, ela diferencia o real do imaginário, uma situação é diferente da outra³. Através da brincadeira a criança se relaciona com o mundo, ela vivencia as situações do cotidiano em suas brincadeiras, assumindo o papel do adulto e, é nesse momento, que o professor deve interagir com a criança, possibilitando através de atividades lúdicas, extrair os objetivos que tem por meta alcançar, trabalhar os limites, a socialização, a cooperação, a liderança, a confiança, a autoestima, o respeito, a higiene, os posicionamentos, a coordenação, o controle dos seus desejos, onde a criança brinque para se alfabetizar, porque a alfabetização requer pensamento abstrato, e a brincadeira é quem vai ajudar a criança a desenvolver-se melhor.

Segundo Rosa (2002), o brincar se relaciona com os interesses da criança:

[...] porque o brincar, aqui, não será tratado como “estratégia de ensino” ou como “recurso” facilitador da aprendizagem, mas muito mais como possibilidade de abertura de um campo onde os aspectos da subjetividade se encontram com os elementos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento. (ROSA, 2002, p.20-22).

Outro ponto que deve ser refletido é com relação à fragmentação do tempo. O tempo da infância é o tempo do lúdico, das brincadeiras, do faz-de-conta, no qual a atividade é que determina o tempo e não o tempo que determina a atividade. Assim, uma proposta pedagógica que organize a Cultura Corporal de Movimento para a educação infantil nos moldes do Ensino Fundamental, na qual existe a “hora da educação física”, não tem sentido e não respeita os interesses e necessidades das crianças, pois além de fragmentar o conhecimento, fragmenta também o “sujeito-criança”, interrompendo o seu momento e espaço.

Sayão (2002), quando aborda questões da especificidade da educação física na educação infantil enfatiza que:

Só se justifica a necessidade de um/a professor/a dessa área na Educação Infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente integradas ao projeto da “instituição”, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se complete e se amplie visando possibilitar cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças. (SAYÃO, 2002, p.59).

³ Este exemplo foi citado por Verena Wiggers, professora da disciplina de Currículo na Educação Infantil, em sala de aula no dia 07 de maio de 2011 durante o Curso de Especialização em Educação Infantil, Universidade Federal de Santa Catarina, pólo de Chapecó – SC, Brasil.

Assim o professor de educação física e o professor regente devem ter concepções de trabalho pedagógico que não fragmentem as funções de uns e de outros, não se isolando em seus próprios campos, devem compartilhar da mesma abordagem educacional, aprendendo com essa troca de informações todos juntos. O professor de educação física deve atuar como mais um adulto com quem as crianças estabelecem interações e afetividade na creche ou pré-escola.

Nesse sentido, Siqueira (2004) afirma que a relação entre o professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos e da ligação das pontes entre o seu conhecimento e os deles. Requer ainda que o professor eduque para as mudanças acontecerem, para a autonomia e socialização das crianças com o que está a sua volta, mesmo na fase inicial da vida, orientar desde os primeiros anos escolares a sua formação, de um cidadão consciente, deveres e responsabilidades sociais, sendo formadores de opiniões.

Assim, a educação física, também na educação infantil, deixa de ser vista como mero espaço de liberação de energias, desvinculado da totalidade da ação educativa que ocorre na escola e passa a compor, no conjunto do processo pedagógico, mais um lugar comprometido com o desenvolvimento integral do ser humano. Como nos ensina Freire (1996):

[...] o bom educador é o que consegue, enquanto fala, aproximar o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanharam seus pensamentos, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”. E segundo o autor ainda “o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor autoritário, o professor incompetente - irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado - sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa por seus alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p.96).

Todo professor tem sua maneira de lecionar, sua personalidade e sua própria identidade com a disciplina que ministra. Sendo assim, cada profissional que atua na educação infantil deve ter consciência que seu papel é importante na formação das crianças, pois estabelece relações afetivas com elas e, com atividade lúdica propõe o conhecimento através da brincadeira.

A educação física deve estar integrada ao projeto da instituição, privilegiando o jogo, a interação e a manifestação de diferentes linguagens, o que significa permitir e reconhecer que a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, a brincadeira, o jogo, os ritmos, as inúmeras formas de movimentos corporais são expressões da criança, que não podem ficar limitadas em segundo plano. (Sayão, 2002).

A contribuição da educação física na educação infantil pode configurar-se como um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, para auxiliar na leitura do mundo,

com o corpo, com o movimento, partindo do pressuposto da construção de si mesmo, alfabetizando-se nessa linguagem. Sayão (2002) contribui que a criança ao brincar com a linguagem corporal, ela cria situações com diferentes manifestações da cultura corporal, que ao longo dos anos foram elaboradas pelos seres humanos, sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras, as atividades circenses, as ginásticas e as danças, sempre objetivando a dimensão lúdica como elemento essencial para a ação educativa na infância. Essa ação se constrói através da relação entre criança/adulto e criança/criança, na qual o professor propicie a mediação do conhecimento para as crianças com atividades educacionais, almejando a interação e interlocução em seu processo de desenvolvimento.

Nas aulas de educação física, a cultura corporal de movimento traz em suas atividades de conhecimento, manifestações corporais já presentes na vida das crianças, que deverão ser tematizadas com articulação de toda a equipe pedagógica.

Sabe-se que a educação física e a educação infantil têm suas particularidades e especificidades. Segundo Sayão (1999), “(...) tradicionalmente, não há, nos cursos de licenciatura em educação física, uma preocupação em formar professores para intervirem na educação de zero a seis anos” (Sayão, 1999, p.223). Quando esta preocupação existe, muitas vezes, a formação fica restrita ao aprendizado e é oferecida como um “pacote” de atividades de jogos e brincadeiras para serem desenvolvidas com as crianças de acordo com as diferentes faixas etárias.

Nos estudos de Wallon (apud Galvão, 1995), sobre o desenvolvimento do ser humano, ele observa as fases ou ciclos da vida, em uma construção progressiva com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente. Para compreendermos o que ele quer nos dizer, passemos a uma descrição das características centrais de alguns dos cinco estágios propostos pela psicogenética walloniana, tal como colocados por Galvão (1995).

O primeiro ano de vida é denominado o estágio impulsivo-emocional. Aqui, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior. Neste estágio a educação física pode agir através da musicalidade (ex: bater palma, movimentar o corpo, expressões facial), manipulação de objetos (ex: esconde-lo, fazendo com que a criança o encontre), objetos sonoros, estimular a criança a deslocar-se, entre outras

atividades.

O segundo estágio é sensório-motor e projetivo, que vai até o terceiro ano. O interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A criança consegue deslocar-se pelos espaços engatinhando ou andando e também a sua manipulação e apreensão dos objetos possibilitam-lhe maior autonomia na exploração do ambiente. Outro marco fundamental deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo "projetivo" empregado para nomear o estágio deve-se à característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, o pensamento é expresso através dos gestos corporais, o ato mental "projeta-se" em atos motores. Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica). Neste estágio trabalha-se nas aulas de educação física as cantigas de roda, expressões e esquema corporal, expressões através de desenhos (uso de tinta guache, ex: pintar as mãos e pés e estampar em um papel pardo, para visualizar o desenho – mão direita, pé esquerdo), atividade desenvolvendo: dentro – fora, longe – perto, em cima – em baixo, entre outras.

O terceiro e último estágio em que a criança frequenta a educação infantil é do personalismo, que cobre a faixa dos três aos seis anos de idade. A tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retomo da predominância das relações afetivas. Neste estágio as aulas de educação física devem propiciar: noção espacial e temporal, lateralidade, coordenação motora ampla e fina, equilíbrio e domínio sobre o corpo, aprimorar as expressões e esquema corporal, noção de força, velocidade, entre muitos outros elementos que podem ser desenvolvidos de forma recreativa.

O professor atuante na educação infantil, tem que conhecer os estágios de vida do desenvolvimento humano, para compreender as formas de atividade que assumem e a preponderância em cada fase. Cada nova fase inverte a orientação da atividade e o interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas. Segundo Galvão (1995) trata-se do princípio da alternância funcional. Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra.

Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. Assim temos, no primeiro estágio da psicogênese, uma afetividade impulsiva, emocional, que se nutre pelo olhar, pelo contato físico e se expressa em gestos, mímica e posturas. A afetividade do personalismo já é diferente, pois incorpora os recursos intelectuais (notadamente a linguagem) desenvolvidos ao longo do estágio

sensorio-motor e projetivo. É uma afetividade simbólica, que se exprime por palavras e ideias e que por esta via pode ser nutrida. A troca afetiva, a partir desta integração pode se dar a distância, deixa de ser indispensável a presença física das pessoas. Galvão (1995),

Esta construção recíproca explica-se pelo princípio da integração funcional. Este é um princípio extraído do processo de maturação do sistema nervoso, no qual as funções mais evoluídas, de amadurecimento mais recente, não suprimem as mais arcaicas, mas exercem sobre elas o controle. As funções elementares vão perdendo a autonomia conforme são integradas pelas mais aptas para adequar as reações às necessidades da situação. No caso das funções psíquicas, o processo é semelhante ao das funções nervosas: as novas possibilidades que surgem num dado estágio não suprimem as capacidades anteriores. Dá-se uma integração das condutas mais antigas pelas mais recentes, em que estas últimas passam a exercer o controle sobre as primeiras. Enquanto não se consolida essa integração, as funções ficam sujeitas a aparições intermitentes, submetendo-se a longos períodos de eclipse depois de ter se manifestado uma, ou mesmo várias vezes durante um curto período. (GALVÃO, 1995, p. 44-45).

Essa evolução gradativa do ser humano e principalmente na fase inicial da vida é importante que toda a criança passe por todas as fases deste desenvolvimento para construir sua personalidade, sua relação com pessoas, objetos e com os espaços, indiferente da qual cultura faz parte. Ressalva-se ainda o conhecimento desses estágios aos professores de educação física e aos demais profissionais que atuam na Educação Infantil, compreender para saber intervir na formação das crianças. Galvão (1995) considerava que o sujeito constrói-se na sua relação/interação com o meio, propõe ainda um estudo contextualizado das condutas infantis, buscando compreender, em cada fase do desenvolvimento, o sistema de realizações entre a criança e o seu meio, entendia a infância como uma idade única.

Para essa relação acontecer, precisa reforçar a importância do planejamento dos profissionais no processo educativo dos educandos, conhecer as crianças e seus estágios para poder planejar, fazer, projetar, construir um plano de ações que oriente o processo educativo. O planejamento pedagógico caracteriza-se como um guia de orientação e como uma projeção daquilo que se deseja alcançar (projetar possibilidades), precisa ser flexível, levando em conta os interesses e experiências vividas pela criança. Deve ser elaborado considerando o que vai ser ensinado, para quem vai ser ensinado, porque e para que vai ser ensinado e como vai proceder a esse ensinamento. O planejamento pedagógico precisa ser vivo e dinâmico, não se caracterizando como mero instrumento burocrático.

Na educação infantil, a objetividade das aulas e dos conteúdos propostos pelo professor de Educação Física, ou qualquer disciplina, é o fator essencial que norteará o enredo do contexto trabalhado. Conhecer a concepção sobre criança e infância, possibilita compreender o que aplicar, estimular, provocar e mediar nas suas atividades. Outro fator importante que pode auxiliar na construção do conhecimento e das ações propostas pelos educadores é a troca de

informações com outros profissionais, a reciprocidade de experiências e relatos que cada profissional vivencia em classe de aula, contribui para uma visão mais aguçada sobre as formas de trabalho com as crianças em diferentes situações. As anotações das atividades propostas em classe no diário de campo também são importantes para o professor, pois relatam suas aulas, as dificuldades enfrentadas, os sucessos alcançados e quando não obtêm êxito nas atividades, contribui para superar os anseios em uma próxima oportunidade, pois é vivenciando que se aprende, com o velho se constrói ideias novas, e as anotações de hoje, contribuirão para a práxis do amanhã, a troca de informações engrandece ainda mais o conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo proposto em aprimorar o conhecimento sobre a relação entre educação física e educação infantil, verificou-se que não existe uma fórmula específica para trabalhar com crianças, mas sim conhecê-las, para, a partir deste ponto, compreender como interferir e mediar o conhecimento neste período escolar. Nesta fase, a construção dos primeiros conceitos sobre tudo que está em sua volta, será a base que norteará a criança a interagir com o mundo. A contribuição da educação física na educação infantil pode configurar-se como um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, onde ainda, possibilite auxiliá-la na leitura do mundo.

A educação física tem um papel fundamental na educação infantil pela possibilidade de proporcionar às crianças uma diversidade de experiências através de situações nas quais elas possam inventar, imaginar, descobrir movimentos novos, re-elaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações, propiciando esses momentos de forma lúdica. Além disso, as crianças descobrem seus próprios limites, enfrentam desafios e também conhecem e valorizam o próprio corpo, relacionando-se com outras pessoas, percebendo a origem do movimento corporal, que são, para elas, um meio de comunicação, de expressão e de interação social.

Contudo, compreendendo que a criança tem como principal característica a intensidade de movimentos, entendemos como de importância fundamental tratar das especificidades do campo do conhecimento da educação física desde a primeira infância. As reflexões relatadas até aqui se encaminham no sentido de elaborar uma concepção que respeite a criança em seu desenvolvimento infantil, considerando os aspectos cognitivos, sociais, afetivos e motores, de forma integrada buscando desenvolver o olhar crítico da criança para as relações sociais da sociedade em que está inserida, partindo da compreensão do seu mundo vivido.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedes, ano XIX Número 48, Agosto de 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: **Saberes necessários à prática educativa**. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Isabel. **Henry Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis; Vozes, 1995.

NEVES, Carla das, 1980 - **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação esquematizada** / Carla das Neves e Liana Castello. - Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2010.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL para a Educação Infantil Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, vol. 2-3, Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROSA, Sanny S. **Brincar, conhecer e ensinar**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SAYÃO, D.T. **A Hora de... A Educação Física na Pré-Escola**. Congresso Brás. de Ciências do Esporte, 10, 1999.

SAYÃO, D.T. (2002): “Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil”, in: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T., e PINTO, F. M. (Org.): **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física**. Florianópolis: Ed. da UFSC.

SIMÃO, Márcia Buss. Educação Física na Educação Infantil: Refletindo sobre a “hora da Educação Física”. www.ced.ufsc.br/~zeroseis/1art12.doc.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor-aluno**: uma revisão crítica. Disponível em: <http://www.conteudoescola.com.br/component/content/article/30/132-relacao-professor-aluno-uma-revisao-critica>. Acesso em: 12. dez. 2011.